

A INDÚSTRIA DE PAPEL NO BRASIL NO CONTEXTO DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL DE 2008

Stephanie Scherer¹
Fabício José Piacente²

Resumo

A Indústria de Papel tem grande importância histórica e econômica para o Brasil, trata-se de uma grande geradora de emprego e uma colaborada importante para a balança comercial do país com volumes crescentes de exportação. O artigo tem o objetivo de apresentar o desempenho do setor de celulose e papel no Brasil frente à crise financeira internacional que eclodiu em meados de 2008. Trata dos fatos que ocasionaram a crise, detalhando suas etapas, os impactos na indústria nacional de papel e celulose e na economia brasileira. Destaca ainda o papel do Estado como apoiador do setor, mantendo os níveis de investimento através de políticas diretas. Mostra ainda a estratégia adotada pela indústria nacional de papel e celulose fase a redução na demanda internacional desses produtos ocasionada pela crise financeira, voltou sua produção externa para o mercado chinês, substituindo em parte os tradicionais compradores fortemente abalados e em recuperação. E no crescimento do mercado doméstico de papel e embalagens que cresceu com os incentivos anticíclicos adotados pelo governo brasileiro como medidas de choque frente a crise.

Abstract

The paper industry has great historical importance for the economic and Brazil, it is a major generator of jobs and an important collaborated for the country's trade balance with increasing volumes of export. The paper aims to present the performance of pulp and paper in Brazil against the international financial crisis that erupted in mid-2008. Deals with the facts that led to the crisis, detailing its stages, the impact on the domestic industry of pulp and paper in the Brazilian economy . Also emphasizes the role of the state as a supporter of the industry, maintaining levels of investment through direct policies . It also shows the strategy provided by the domestic industry of paper and pulp phase the reduction in international demand for these products caused by the financial crisis , turned its foreign production for the Chinese market , superseding the traditional buyers strongly shaken and recovering . And the growth of the domestic paper and packaging that grew up with incentives countercyclical adopted by the Brazilian government as shock measures against crisis.

Palavras-chaves: Crise Econômica; Papel e Celulose; Players; Políticas Governamentais.

¹ Bacharel em Ciências Econômicas pelo Centro Universitário Padre Anchieta e Analista de Compras de Energia Elétrica da KLABIN (stewave@hotmail.com).

² Doutor em Economia pelo IE/UNICAMP, professor do Programa de Mestrado em Gestão e Tecnologia em Sistemas Produtivo do Centro Paula Souza e professor do curso de Ciências Econômicas do UNIANCHIETA (fjpiacente@bol.com.br).

Introdução

Em outubro de 2008 uma grande crise abalou a economia mundial, provocando a desestabilização do sistema financeiro internacional, queda no comércio mundial, uma grande recessão, desemprego generalizado e graves tensões sociais tanto nos países desenvolvidos, quanto nos subdesenvolvidos.

No contexto que antecedeu a crise, o Brasil passava por um crescimento econômico, o setor industrial nacional mostrava toda sua relevância apresentando um crescimento anual da ordem de 4,9%, parte justificado pelo aquecimento na demanda interna do país, conforme o Boletim de Conjuntura da ABDI (2008).

O setor de celulose e papel no Brasil foi durante o período pré-crise internacional um dos grandes responsáveis pelo crescimento do setor industrial. Além do aquecido mercado doméstico onde a indústria de papel apresenta grande penetração na estrutura produtiva e de consumo, como por exemplo: embalagem, papéis de imprimir e escrever, papel cartão entre outros, o mercado externo era um forte comprador do papel produzido no país, posto que a indústria nacional desse segmento apresentava vantagem competitivas importantes com relação a outros produtores mundiais.

Notadamente trata-se de um importante segmento produtivo, fortemente enraizado na estrutura industrial nacional, que sempre demandou elevados índices de investimentos, tecnologicamente bem aparelhado e que, apesar do seu gigantismo, assim como outros setores, em linhas gerais, também foi abalado pela crise financeira internacional de 2008.

O objetivo do trabalho é apresentar o desempenho desse setor antes e depois da crise. A estratégia utilizada para que as consequências que abalaram todo o setor produtivo nacional fossem amortizadas o mais rápido possível, uma vez que a indústria nacional de papel e celulose foi um dos primeiros setores industrial a ser afetado pela crise macroeconômica mundial, bem como, foi um dos primeiros a se recuperar, tendo em vista a crescente ebulição do mercado interno nacional.

Esse crescimento da economia interna brasileira, devido principalmente a medidas anticíclicas adotadas pelo governo teve reflexos indústria do papel. Assim, uma das perguntas de partida do presente estudo é como a crise de 2008 afetou esta indústria. Se ela estava estruturada para enfrentar a crise mundial de 2008? E, por fim, quais foram os mecanismos de superação? Ao compreendê-los espera-se criar um mecanismo de

autodefesa e imunidade para futuras crises econômicas, bem como a transmissão desses conhecimentos para outros setores que podem vir a também utilizá-los.

1 As bases da indústria de papel e celulose no Brasil

O papel começou a ser produzido no Brasil em 1809, especificamente no Rio de Janeiro devido às necessidades da coroa portuguesa. Na verdade, em sua maioria o papel aqui utilizado era proveniente da Inglaterra (IANNI, 1991).

Já em São Paulo – e muito mais tardiamente – a produção de papel chegou a partir das grandes migrações do final do século XIX e início do século XX, “*know how*” intrínseco dos imigrantes europeus que vieram ao Brasil para trabalhar inicialmente nas áreas rurais, particularmente nas grandes lavouras de café e consigo trouxeram o conhecimento da produção de papel em suas bagagens. Contudo, logo em seguida, boa parte dessa população se transferiu para as cidades impulsionando, mesmo que indiretamente, o desenvolvimento de uma produção industrial nascente.

Com a instabilidade na indústria brasileira de papel gerada pela Primeira Guerra Mundial surge a necessidade da substituição da importação de matéria prima pela própria produção local, sendo que este câmbio impulsionou significativamente a indústria nacional. Essa necessidade faz com que adiante o processo de substituição de importações, em 1917 foram feitos os primeiros experimentos para o desenvolvimento e produção de pasta de celulose por meio de plantas nativas (IANNI, 1991). Ou seja, não só a produção passou a ser nacional como também o cultivo da matéria prima.

Contudo, logo depois, quase uma década após seu surgimento nos moldes de produção industrial tais como se assemelham aos dias de hoje:

[...] a indústria é atingida pela crise de 1929, a qual teve efeitos devastadores sobre os preços do café. Uma vez que parte significativa da economia brasileira dependia do desempenho deste produto, vários setores foram afetados, como a indústria de papel.”(HILGEMBERG & BACHA; 2001)

Desse modo:

“Diante da crise de superprodução de café (nosso principal gerador de divisas naquela época) e das grandes dificuldades financeiras atravessadas por muitas empresas, o governo proibiu - até 1937 - a importação de máquinas para a instalação de novas fábricas de papel e criou um fundo especial para socorrer as empresas em dificuldades. O

resultado deste processo foi a concentração de capacidade de produção nas maiores empresas existentes.” (HILGEMBERG & BACHA; 2001)

Dando prosseguimento à política estatal e macroestrutural de fortalecimento do mercado interno, entre as décadas de 40 e 50, o governo brasileiro se empenhou em desenvolver pesquisas para a produção de celulose, com fibras extraídas a partir das plantas nativas. Este tipo de investimento governamental pode ser encarado como mais um indício da relevância assumida por este tipo de indústria dentro da matriz mais geral de indústrias nacionais.

Com o Programa de Metas do governo de Juscelino Kubitschek (1956–1961 – o tão conhecido “cinquenta anos em cinco”), a indústria brasileira de papel se enquadrava na relação das indústrias de base, as quais consideradas estratégicas para o desenvolvimento do país e, por este motivo, alvo de maciços investimentos estatais. O objetivo era modernizar e introduzir novas tecnologias, para atender a uma demanda cada vez maior do mercado gráfico e editorial – principalmente após a “proliferação” da imprensa (IANNI, 1991).

A partir da década de 60 o país se torna referência mundial na produção de papel e celulose e se compromete com a preservação do meio ambiente, economia de energia e de insumos.

O Governo consolidou as bases da indústria de papel e celulose através de uma política de incentivos fiscal, também por meio de atuação direta do BNDES, bem como através da fixação de novos níveis mínimos de produção que resultaram no aumento expressivo da produção e no início das exportações (JUVENAL, 2002).

Essa breve contextualização exprime dois importantes aspectos da indústria de papel, bem como os motivos pelos quais ela torna-se um objeto tão interessante de ser analisado. O primeiro desses aspectos é que tal indústria não é de modo algum tão nova, uma vez que – ao menos no caso brasileiro – carrega consigo toda uma história que remonta o Brasil colônia.

E, o segundo, é que ela foi uma das indústrias que alavancou o crescimento industrial nacional no início do século passado. Compreendê-la é compreender um pouco a história da industrialização brasileira e seus estreitos nexos com o Estado.

2. Setores de papel e celulose no Brasil

No Brasil em 2010 existiam 222 empresas vinculadas ao setor industrial de papel e celulose, um número relativamente expressivo tendo em vista a economia nacional.

Ainda assim, é importante ressaltar que o tamanho e a abrangência de cada uma dessas empresas diferem imensamente entre si. Em outras palavras, há dentro desse universo, grandes e pequenas empresas com maior ou menor impacto na produção de papel e celulose e, conseqüentemente, maior ou menor geração de riquezas.

Sua capilaridade no território é, portanto, notável. Sua espacialização pulverizada no território nacional demonstra sua relevância, visto que ela acaba por gerar receitas, riquezas e empregos em praticamente todos os estados.

Em 2010 foram produzidas 14 milhões de toneladas de celulose e 9 milhões de toneladas de papel no Brasil (BRACELPA, 2011). Mas não é tão somente no cenário nacional que a indústria de papel desempenha um papel crucial, em 2010 o Brasil foi o 4^o colocado no ranking dos maiores produtores de celulose do mundo e o 9^o em produção de papel (PAINEL FLORESTAL, 2011). O setor representa 1,05% da participação na Balança Comercial Brasileira, com o total de mão de obra empregada de 115 mil diretos e 575 mil indiretos, sendo o total de salários pagos de R\$1.831.963.000,00.

Dessa forma, ele tem grande importância na pauta das exportações brasileiras, sendo que, nos últimos anos, a partir da intensificação de operações comerciais no exterior, ele vem conquistando novos mercados, mantendo o saldo comercial positivo, o qual totalizou - em 2010 - segundo a BRACELPA (2010), US\$ 4,9 bilhões.

Além disso, os investimentos do setor de celulose e papel, nos últimos anos, somaram US\$ 12 bilhões. E para cada emprego direto gerado no setor de celulose e papel, há cinco empregos indiretos criados em atividades vinculadas a esses produtos.

De acordo com a Tabela 1, em 2010 o papel e a celulose eram alguns dos principais produtos nacionais exportados, representando 3,4% do total de produtos exportados pelo país. Cifra esta digna de atenção e que indica um claro processo de internacionalização desta indústria.

Tabela 1: Principais Produtos Exportados

Principais Produtos Exportados <i>Principales Productos Exportados / Main Products Exported</i> US\$ Milhões / US\$ Millones / US\$ Millions – 2010			
	Valor <i>Value</i>	Δ% 2010/09	Part % <i>% Share</i>
1 – Minérios / Minerios / Ores	30.839	113,4	15,3
2 – Petróleo e combustíveis / Petroleo y combustibles / Oil and fuel	22.890	53,1	11,3
3 – Material de transporte / Transport material	21.748	34,6	10,8
4 – Complexo soja / Soja y derivados / Soybeans & prods	17.115	-0,8	8,5
5 – Açúcar e etanol / Azúcar y etanol / Sugar & ethanol	13.776	41,8	6,8
6 – Químicos / Chemicals	13.477	23,9	6,7
7 – Carnes / Meats	13.292	15,9	6,6
8 – Produtos metalúrgicos / Productos metalúrgicos / Metallurgic products	12.948	16,6	6,4
9 – Máquinas e equipamentos / Maquinaria y equipo	11.127	22,2	5,2
10 – Papel e celulose / Papel y celulosa / Paper & pulp	6.769	35,4	3,4
11 – Café / Coffee	5.739	35,0	2,9
12 – Equipamentos elétricos / Aparatos eléctricos / Electrical equipment	4.815	-3,0	2,4
13 – Calçados e couro / Calzados y cuero / Footwear & leather	3.513	27,1	1,7
14 – Fumo e Sucedâneos / Tabaco y Derivados / Tobacco and its Products	2.762	-9,3	1,4
15 – Metais e Pedras Preciosas	2.270	30,7	1,1

Fonte / Fuente / Source: SECEX/MDIC

Dois anos depois, já em março de 2012, a BRACELPA apresentou dados do faturamento anual do ano calendário de 2011, no montante de R\$33.949.847.000,00. Neste caso, houve um incremento de 23,4% em relação ao faturamento do ano calendário de 2009.

Este dado expressa o vigor desta indústria. Além disso, expressa sua força em um momento delicado da economia nacional e internacional, ou seja, imediatamente ao momento pós-crise de 2008. Pode-se supor a partir daí, que mesmo havendo certo impacto sobre a indústria de papel e celulose, ele não foi tão intenso quanto aquele sentido por outros setores. Os mecanismos que garantiram esse amortecimento podem ser muitos, mas talvez o principal deles resida no fato de uma economia interna cada vez mais robusta com a agregação de estratos sociais – até então – menos abastados financeiramente.

3. Os principais players

A cadeia produtiva do setor abrange várias etapas, como: o plantio de florestas com alto nível de produtividade (devido ao clima e solo propício), desenvolvimento de tecnologias e estudos (pesquisa, de um modo geral), energia, celulose e papel, conversão em artefatos de papel e papelão, reciclagem de papel, produção gráfica e editorial, além de transporte e distribuição (BRACELPA, 2009).

Ao longo dos anos empresas de grande expressão e importância dentro do setor se consolidaram, enquanto que outros tantos deixaram de existir ou simplesmente perderam espaço. Dessa forma, foi feito um recorte temporal de quatro anos (entre 2006 e 2010), a fim de melhor controlar a influência desses diversos atores, dentro desta janela temporal foram selecionadas tão somente as três maiores empresa do setor, já que elas são, de fato, as mais representativas.

Desse modo, as maiores empresas aqui selecionadas e, portanto, analisadas são: 1) Suzano Papel e Celulose; 2) Klabin S/A e; 3) Votorantim Celulose e Papel (VCP), qual se uniu a partir de 2009 à Aracruz Celulose, criando a empresa Fibria.

4 Crise econômica mundial de 2008

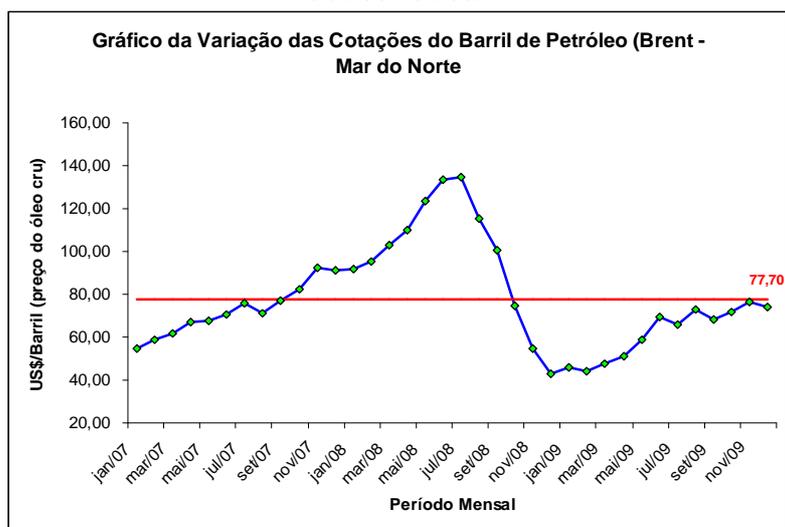
No fim do ano de 2008 deu se o auge da crise econômica mundial, essa por sua vez iniciada nos Estados Unidos.

A crise financeira internacional teve a sua origem na crise do *subprime*³ – o mercado financeiro imobiliário com necessidade de ampliar seus ganhos levou instituições financeiras a apostar em papéis de alto risco, já que a securitização financeira que serviria para diluir os riscos acaba fazendo desaparecer de modo que não se perceba.

Como resultado - ao menos imediato para o mercado norte-americano -, houve brusco desaquecimento econômico nas mais diversas esferas. Isto porque houve falta generalizada de crédito que atingiu especialmente e diretamente as empresas que encontraram dificuldades para se autofinanciar. Por outro lado, houve aumentos especulativos de preços das principais mercadorias e *commodities* do mundo, como por exemplo, o petróleo (Gráfico 1), o que impactou diretamente na produtividade norte americana (BRUM & SILVEIRA, 2010).

³ Subprime é um crédito de risco que é concedido a um tomador que não oferece garantias suficientes para se beneficiar da taxa de juros mais vantajosas (prime rate).

Gráfico 1: Variação das Cotações do Barril de Petróleo (Brent – Mar do Norte) no período de 2007 e 2009



Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA – com base em dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) (apud BRUM; SILVEIRA, 2010).

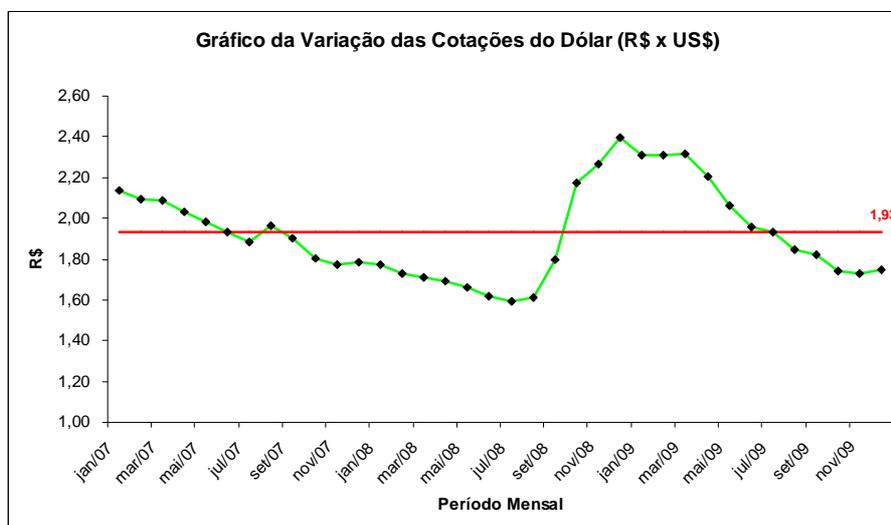
Ou seja, a economia americana entrou em um momento “duplamente negativo”, primeiro, porque havia escassez de liquidez, haja vista que os bancos estavam sendo mais criteriosos com seus empréstimos e os faziam tão somente para aqueles negócios e serviços com grande potencial de recuperação e confiabilidade de retorno. E, em segundo, porque a produção em si se tornou mais cara, visto os constantes aumentos das matérias primas.

Nesse sentido, outras economias com custos de produção muito inferiores ao norte-americano emergiram no cenário; como é o caso da economia chinesa. Cabe também frisar que o incremento dos preços das matérias primas se deveu – em boa medida – a própria “voracidade” do mercado chinês. Como explicam Brum & Silveira (2010):

“Ora, com moedas sobrevalorizadas, a maioria dos países perde a competitividade externa. E quem ganha com isso são países como EUA e a China, que mantêm um sistema de desvalorização do Yuan ao ritmo do dólar. Após o estouro da crise e o chamado fundo do poço, em 2009 pode se ver claramente o interesse estadunidense em manter um dólar fraco (desvalorizado frente as demais moedas mundiais). Na prática, a coisa funcionou assim: como qualquer produto no mercado, o valor do dólar evolui em função de sua oferta e procura [Gráfico 2]. A partir do segundo semestre de 2008, e até abril/maio de 2009, o dólar saiu de uma posição depreciada e ganhou valor perante as moedas mundiais rapidamente. Neste sentido, a crise internacional provocou dois efeitos explicativos: as empresas transnacionais foram obrigadas a repatriar seus ativos para os EUA, visando cobrir os rombos em Wall Street; e houve uma redução na oferta de títulos americanos. Em síntese, a

demanda líquida por dólares acabou aumentando, fato que provocou sua apreciação.”(BRUM; SILVEIRA; 2010)

Gráfico 2: Variação das Cotações do Dólar no Mercado Brasileiro entre 2007 e 2009



Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA – com base em dados do Banco Central do Brasil (BACEN) (apud BRUM & SILVEIRA, 2010).

Mas essa valorização do dólar não foi necessariamente ruim para a economia brasileira como um todo e para o setor de papel. Em função do seu duplo aporte, a indústria de papel continuou a vender boa parte de sua produção para o mercado interno. Mas, ao mesmo tempo, se viu privilegiada de vender a ótimos preços para o mercado externo, se não mais para os Estados Unidos, agora para um grande mercado emergente: o chinês.

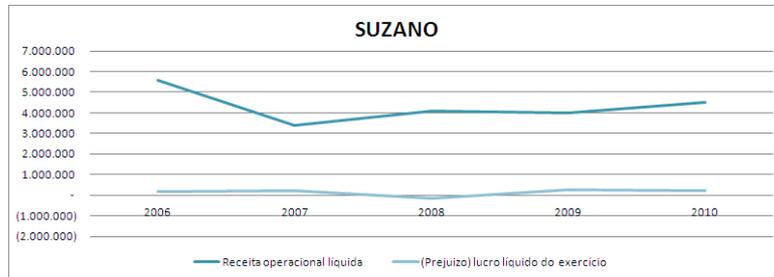
5. Como a crise impactou efetivamente o setor de celulose e papel no Brasil

Em 2006 os principais “players” apresentaram bom resultados operacionais e financeiros, como demonstrado nos dados das tabelas abaixo, principalmente tendo-se em vista que o setor tem um dos menores custos de produção entre as indústrias brasileiras.

Tratava-se de fábricas modernas, florestas altamente produtivas, profissionais qualificados, grandes investimentos e desenvolvimento (por vezes sob os critérios de sustentabilidade). Em 2008 o Brasil foi do sexto para o quarto lugar no ranking Mundial

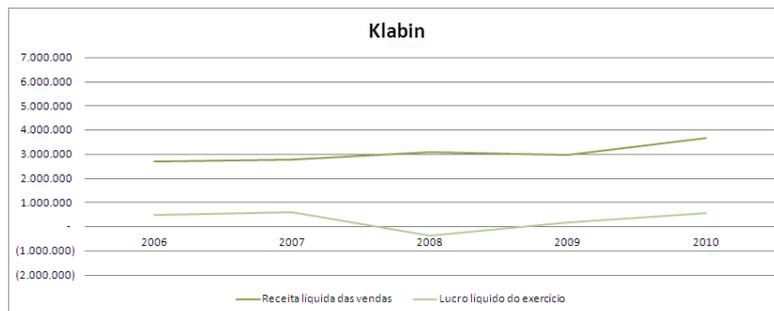
dos produtores de Celulose (BRACELPA, 2008). Os Gráficos 3, 4, 5, 6 e 7 mostram a evolução dos principais *players* que atuavam no Brasil no período pré e pós crise.

Gráfico 3: Evolução Histórica - análise do lucro (prejuízo) Suzano



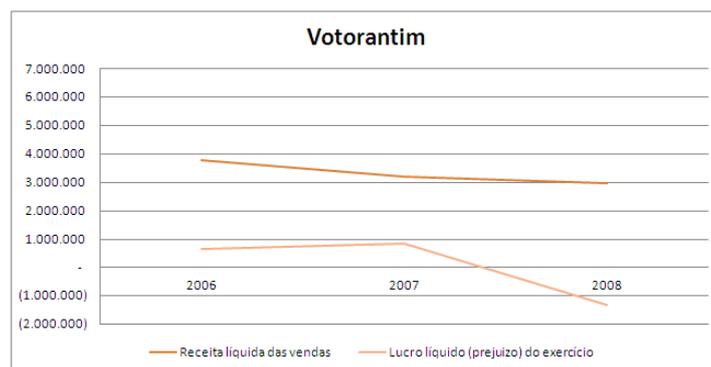
Fonte: Elaboração própria adaptado de BRACELPA (2008).

Gráfico 4: Evolução Histórica - análise do lucro (prejuízo) Klabin



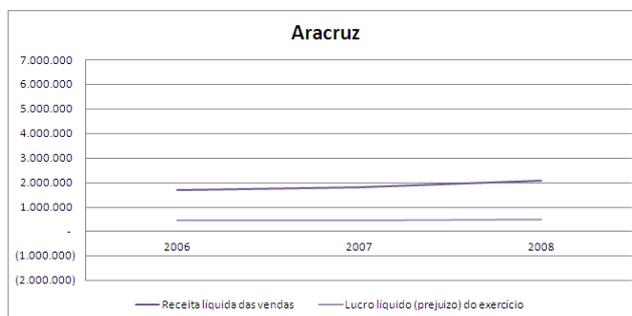
Fonte: Elaboração própria adaptado de BRACELPA (2008).

Gráfico 5: Evolução Histórica - análise do lucro (prejuízo) Votorantim



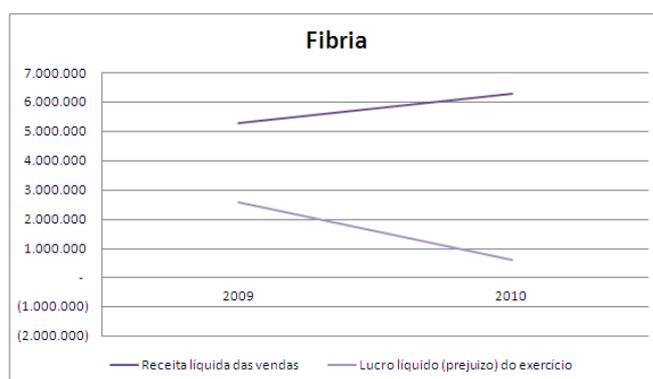
Fonte: Elaboração própria adaptado de BRACELPA (2008).

Gráfico 6: Evolução Histórica – análise do lucro (prejuízo) Aracruz Celulose



Fonte: Elaboração própria adaptado de BRACELPA (2008).

Gráfico 7: Evolução Histórica – análise do lucro (prejuízo) Fibria



Fonte: Elaboração própria adaptado de BRACELPA (2008).

Esse cenário continuou até meados de 2008 quando os primeiros sinais da crise mundial atingiram o mercado brasileiro. Houve uma desvalorização do real, os estoques mundiais aumentaram, em seguida houve a diminuição dos investimentos no seguimento de papel e celulose. Por fim, veio da desvalorização da celulose no mercado mundial acompanhando o decaimento geral do mercado de *commodities*.

O setor de celulose e papel também foi um dos principais setores com queda de rentabilidade entre o primeiro trimestre de 2008 e o mesmo período de 2009 com resultado de 0,80%, como demonstra o grupo de conjuntura Fundap no texto Crise e Pós Crise; O impacto sobre as grandes empresas brasileiras de capital aberto (2012).

Fato esse visível com os resultados das empresas Aracruz e Votorantim Celulose e Papel que se fundiram em 2009 criando a Fibria, apresentaram resultado ruins logo após o estouro da crise e no ano seguinte, uma vez que perderam fundamentalmente do mercado externo para a vender seus produtor. Por outro lado, a Suzano e Klabin

mantiveram seus níveis de rentabilidade, pois contavam com boa parte do mercado interno de papel para escoar sua produção.

Esse mercado iniciou 2008 com queda, mas logo em 2009 se reergueu, com o constante crescimento do mercado interno e seu grande consumidor externo a China. Tornando-se grande parceiro do Brasil para comércio logo após a crise de celulose e papel.

6. Medidas tomadas pelo setor

As empresas brasileiras iniciam um grande esforço em incrementar as produções com o intuito de se valer desta situação adversa e das dificuldades que os países concorrentes enfrentavam. Nesse sentido, até outubro de 2008, ou seja, precisamente no momento mais dramático da crise financeira e econômica mundial, a produção de celulose nacional aumentou em 9%, totalizando 10,692 milhões de toneladas e, a de papel 1,9%, quando comparamos os resultados do ano anterior.

Mesmo assim alguns dos principais atores sofreram alguns danos. A Aracruz tinha feito apostas de altíssimo risco em derivativos, a Suzano Papel e Celulose, a VCP e a Klabin registraram aumento de despesas com dívidas em moeda estrangeira e prejuízos milionários no final de 2008.

Mesmo o setor sendo mais dependente do mercado interno, já que 60% da produção era absorvida domesticamente e compradores da América Latina, o efeito da crise foi sentido nas produções e, conseqüentemente, na queda de preços já no primeiro bimestre de 2009.

O setor teve que pedir ajuda ao governo para que houvesse redução de impostos sobre os investimentos na construção de novas fábricas, isenções de impostos nos produtos finais, medidas restritivas para importação de papel imune, solicitação de uma fiscalização mais severa por parte da Receita Federal e ampliação das parcerias governamentais de distribuição de livros e cadernos para as escolas públicas. Em suma, a indústria de papel e celulose uma vez mais, assim como o fez em décadas passadas, foi buscar guarida junto ao Estado. Tal afirmação deve ser entendida e lida sem qualquer tipo de juízo de valores associado a perspectivas específicas, por exemplo, a (cartilha) neo-liberal, posto que talvez sem esse socorro governamental boa parte do

setor pudesse ter amargado prejuízos ainda maiores e, claro, com consequências ainda maiores.

Além de parcerias com o governo, o setor teve que ampliar as linhas de crédito e a criação de um mecanismo no sistema bancário para apoio as empresas exportadoras em momento de crise (BRACELPA, 2008).

7. Resultado das medidas tomadas pelo setor no Brasil

A primeira resposta a crise internacional por parte do setor de celulose e papel no Brasil foi a de manter em 2009 os mesmos níveis de produção de 2008, como demonstrado no Relatório Anual 2008-2009 da Bracelpa, os resultados foram minimamente alcançados, conforme pode ser observado nos dados da Tabela 2.

Os números da balança comercial do setor demonstra que a variação de 2009 para 2010 foi maior do que a do ano anterior, comprovando a meta para o setor. Esse resultado é visto pelo saldo da balança comercial que em 2010 é o melhor em 20 anos, como demonstra a Gráfico 8.

O setor não retraiu, pelo contrário, a produção de celulose cresceu em 6%, sendo este um resultado muito relevante para o PIB brasileiro. Segundo a Bracelpa, parte desse crescimento foi alavancado pelas exportações, posto que elas cresceram 17% no período, em parte justificado pela sua alta qualidade comparado com outros produtores mundial.

Tabela 2: Evolução Histórica da Balança Comercial do Setor de Papel e Celulose

Evolução Histórica da Balança Comercial do Setor em US\$ Milhões FOB

Ano	Exportação			Importação			Saldo		
	Celulose	Papel	Total	Celulose	Papel	Total	Celulose	Papel	Total
2001	1.248	943	2.191	183	589	772	1.065	354	1.419
2002	1.161	894	2.055	172	422	594	989	472	1.461
2003	1.744	1.087	2.831	158	403	561	1.586	684	2.270
2004	1.722	1.187	2.909	195	563	758	1.527	624	2.151
2005	2.034	1.371	3.405	210	654	864	1.824	717	2.541
2006	2.484	1.521	4.005	213	912	1.125	2.271	609	2.880
2007	3.024	1.702	4.726	232	1.086	1.318	2.792	616	3.408
2008	3.917	1.920	5.837	274	1.437	1.711	3.643	483	4.126
2009	3.315	1.686	5.001	242	1.097	1.339	3.073	589	3.662
2010	4.762	2.008	6.770	360	1.539	1.899	4.402	469	4.871
Var. 2010/2009	43,7%	19,1%	35,4%	48,8%	40,3%	41,8%	43,2%	-20,4%	33,0%
Evol. Média Anual 2010/2001	16,0%	8,8%	13,4%	7,8%	11,3%	10,5%	17,1%	3,2%	14,7%

Fonte: SECEX

Gráfico 8: Evolução do Saldo Comercial do Setor de Papel e Celulose

Relatório Estatístico 2010/2011



Fonte: Relatório Estatístico 2010/2011 BRACELPA.

Houve crescimento na produção em todo o setor, bem como incremento das exportações, sem, ainda, se esquecer das vendas voltadas para o mercado interno. Isso porque as principais empresas do setor em todo o mundo se tornaram obsoletas por falta de recursos para investimentos ocasionados pela falta de liquidez internacional gerada pela crise financeira, ou simplesmente fecharam suas portas. Contudo, a participação da China foi algo sem precedentes a demanda desse país pela matéria-prima brasileira cresceu tanto no período que supriu a diminuição dos outros mercados tradicionais, notadamente a Europa e os EUA.

Logo em 2009, o setor nacional de celulose e papel já apresentava manutenção nos níveis de produção em comparação a 2008, e que, apesar das dificuldades, o setor teve planejamento, demonstrando seu potencial tanto no mercado interno, quanto externo. A Tabela 3 mostra a evolução do consumo aparente de papéis em mil toneladas.

Tabela 3: Evolução do Consumo Aparente de Papéis

Papel - Total	2006	2007	2008	2009	2010
Produção	8.725	9.008	9.409	9.428	9.844
Importação	967	1.097	1.328	1.085	1.502
Exportação	1.990	2.006	1.982	2.008	2.074
Consumo Aparente	7.702	8.099	8.755	8.505	9.272
Consumo <i>Per Capita</i> (kg/hab.)	41,2	44	46,2	44,2	49

Fonte: Relatório anual 2011 BRACELPA.

Um dos fatores que fizeram com que a produção continuasse aquecida foi o mercado interno, uma vez que as vendas domésticas cresceram 2,7% em 2009, cifra esta que para um período de crise e pós-crise foi extremamente positiva. É bem verdade, que esse crescimento pode ter sido um pouco inercial, ou seja, o crescimento sentido em 2009 ainda estava vinculado a transações anteriores a crise econômica, mas, mesmo nessa situação, o crescimento e o curto período de tempo em que ele se deu não deixam de ser notáveis.

O Governo reconhece que o setor é relevante para a economia e ajuda a superar alguns “gargalos” de competitividade em diversos seguimentos do papel. O Brasil é destaque, atraindo centro de desenvolvimentos de tecnologia e produtos, pois conta com qualidade de mão de obra, além de que o mercado interno é crescente, garantindo ganhos de escala e rentabilidade.

Considerações finais

Considerando a confluência de fatores externos e internacionais que garantiram a recuperação e o processo de retomada de crescimento, verificou-se que a indústria nacional de papel e celulose estava minimamente estruturada para suportar, apesar das consequências sem precedentes, os abalos provocados pela crise econômica mundial por ser um dos setores historicamente mais robustos da indústria brasileira. Ademais, trata-se de uma tradicionalmente atendida pelo Estado, recebendo incentivos por meio dos mais inúmeros instrumentos: financiamentos facilitados; linhas especiais de créditos; investimentos diretos; redução fiscal, entre outros.

Deve-se, também, levar em consideração a organização interna e a maturidade destas empresas como fatores decisivos para o seu sucesso. Dessa forma e em suma, foi possível enfrentar a instabilidade da economia mundial devido à competitividade e produtividade das empresas do setor. Mas não só isso houve na verdade uma confluência de fatores tanto externos, quanto internos. Alguns países - que não aqueles de fato centro da crise econômica - continuaram tão pujantes economicamente quanto eram pré-crise, vide o caso da China que como um grande comprador de celulose ajudou a sustentar o setor no Brasil. Desta forma, houve uma certa compensação onde antigos principais parceiros foram substituídos por novos principais parceiros.

Afora os fatores externos, ocorreu nesse período uma inversão da lógica estatal, onde este passaria a ser um indutor mais decisivo da economia, especialmente do mercado interno – diferentemente da lógica neo-liberal de enxugamento e retração do Estado. Houve, portanto, a formação de uma nova “classe média” baixa (por meio de diversos incentivos – repasse direto de somas de dinheiro, incentivo a construção civil, a indústria automobilística, a produção industrial de eletrodomésticos etc.) que demandava novos produtos e serviços grande parte deles demandantes de celulose.

Nesse sentido, para a indústria de papel a recuperação foi mais rápida do que outros setores devido por sua dupla embocadura: a) continuava a ter mercado externo suficiente a preços internacionais remuneradores e; b) suas vendas no mercado interno foram surpreendentes. Além disso, o setor demonstra uma alta viabilidade econômica comprovada, espera-se que cresça nos próximos anos em torno de 500 mil toneladas/ano, o que equivale a quase 5% de toda sua capacidade produtiva.

Trata-se de um setor com grandes investimentos em tecnologia, que gera um círculo econômico favorável para a economia do país, dando grande movimentação ao

mercado nacional e internacional, gerador de emprego e grande exportador. Em momentos de incerteza, atua com força no mercado interno e na América Latina, garantindo menor risco e certa lucratividade. Assim o setor apresenta característica cíclica, alternando períodos de preços internacionais elevados e estoques mundiais reduzidos, com períodos de grande margem e excesso de oferta.

Referências Bibliográficas

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL - ABDI. *Boletim de Conjuntura Industrial 2008*. Disponível em: <<http://www.abdi.org.br>>. Acesso em ago. 2011.

BELLUZZO, L.G. – Capitalismo em Crise – Os *Antecedentes da Tormenta*, outubro 2012. Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaImprimir.cfm?materia_id=15276%C3%83%C2%A9>. Acesso em set. 2012.

BRACELPA, Associação Brasileira de Celulose e Papel, *Press Release, Porto Alegre, março de 2010*. Disponível em: <<http://www.bracelpa.org.br/>>. Acesso em ago. 2011.

BRASIL. Decreto nº 6.687, 11 de dezembro de 2008. *Altera a Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados - TIPI, aprovada pelo Decreto no 6.006, de 28 de dezembro de 2006, e dá outras providências*. Receita Federal. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/legislacao/Decretos/2008/dec6687.htm>>. Acesso em out.2012.

BRUM, A.L.; SILVEIRA, D.C. *Macroeconomia regional, setor externo, finanças públicas. A gênese da crise financeira mundial e seus impactos no setor produtivo: o caso específico da cadeia da soja no Rio Grande do Sul, 2010*. Disponível em <www.fee.tche.br/sitefee/download/eeg/5/06.doc>. Acesso em out. 2012.

COMPANHIA MELHORAMENTOS. *Histórico da empresa*. Disponível em <<http://www.melhoramentos.com.br>>. Acesso em mar. 2012.

HILGEMBERG, E.M.; BACHA, C.J.C. A evolução da indústria brasileira de celulose e sua atuação no mercado mundial. In: *Análise Econômica*, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, ano 19, nº 36, set. 2001.

IANNI, O. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil, (1930 -1970)*, 3ª edição, Editora Civilização Brasileira, 1991, Rio de Janeiro – RJ.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, *'Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física – Brasil*, Disponível em <<http://www.ibge.com.br>>. Acesso em 2011.

INSTITUTO OBSERVATÓRIO GERAL – Relatório Geral – *Panorama Econômico e Sindical do Setor de Papel e Celulose nos Países do Cone Sul, julho de 2009*. Disponível em: <<http://www.observatoriosocial.org.br/portal/>>. Acesso nov. 2011.

JUVENAL, T.L.; MATTOS, R.L.G. *O setor de papel e celulose, BNDS* [2002]. Disponível em <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro_setorial/setorial04.pdf>. Acesso em abr. 2012.

KLABIN S/A. Disponível em <<http://www.klabin.com.br>>. Acesso em mar. 2012.

MATTOS; R,L.G;VALENÇA, A.C.V. A Reestruturação do Setor de Papel e Celulose. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 253-268, set. 1999. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set1006.pdf>. Acesso em ago. 2011.

PAINEL FLORESTAL. Disponível em <<http://painelflorestal.com.br>>. Acesso em abr. 2012.

SECEX. Disponível em <<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em ago.2012
SUZANO PAPEL E CELULOSE. Disponível em <<http://www.suzano.com.br>>. Acesso em abr. 2012.